

À Descoberta da Europa Mundo

Estes *ateliers* têm por objectivo debater a realidade europeia numa perspectiva mundial, e perceber o que nos traz a União Europeia, enquanto projecto original de integração política e económica à escala de todo um continente, num contexto internacional de globalização, onde as oportunidades coexistem com os riscos.

A própria existência da União é uma novidade importante na vida internacional, não só pela sua importância na preservação da paz entre os Estados membros da UE – depois das décadas de guerras tão destrutivas como a Primeira (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundiais (1939-1945) –, como pelo poder de atracção em relação aos seus vizinhos. A expectativa de poder vir a aderir à União tem desempenhado um papel importante nos processos de reformas, tanto políticas como económicas, em muitos países. O equilíbrio entre aprofundamento (ou seja, maior integração das políticas dos vários membros da UE) e alargamento (ou seja, inclusão de novos membros) foi central na discussão sobre o Tratado de Lisboa e continuará a ser essencial no futuro, nomeadamente com a perspectiva de adesão da Turquia. Porém, importa debater também até que ponto o próprio modelo da União Europeia tem e continuará a ter um papel na política internacional, seja em termos da criação de outras organizações regionais que procuram seguir-lhe as pisadas – por exemplo e potencialmente o Mercosul na América Latina ou a ASEAN no Sudeste Asiático –, seja de uma lógica de cooperação multilateral através de instituições como a ONU.

Pensar hoje em dia o futuro da União, as suas instituições e políticas, deve levar-nos a pensar os aspectos em que a Europa reforça – ou pode reforçar – a acção individual dos Estados membros, tanto internamente como em termos da actuação externa. Isso exige uma discussão dos grandes desafios que se nos colocam, como portugueses e europeus, num contexto global em mudança. Trata-se, numa frase, de debatermos simultaneamente duas questões da máxima importância e profundamente ligadas entre si: o futuro da Europa, dos seus cidadãos e das suas instituições, e o seu lugar no Mundo.

A Percepção da União Europeia e das suas Missões

Como é vista a União? O que deve ela fazer no presente e no futuro? Para o perceber há que partir da identificação dos valores e princípios básicos do processo de construção de uma Europa mais unida, desde o Tratado de Roma, de 1957, até ao Tratado de Lisboa de 2007, e procurar analisar, por um lado, a sua relevância actual e, por outro, a sua tradução em políticas concretas. Os valores e missões identificados são:

A paz e boa vizinhança e ajuda ao desenvolvimento: como organizar as relações com os vizinhos mais próximos – Europa de Leste, Mediterrâneo, Cáucaso – e com áreas mais distantes como a África ou a América Latina? Qual deve ser o seu papel dos europeus no combate à pobreza a nível global e na ajuda ao desenvolvimento?

A democracia e os direitos humanos: como dar eficácia, ao nível das políticas internas e externas, à difícil mas essencial tarefa de promoção dos direitos do homem e da democracia, que correspondem aos valores e princípios europeus fundamentais reafirmados no Tratado de Lisboa. Trata-se, portanto, de debater a legitimação democrática da própria UE e da sua acção externa; e de que forma o Tratado de Lisboa e as suas inovações institucionais poderão contribuir para isso.

A diversidade: o racismo está a crescer nos Estados membros, isso põe em risco a visão da União Europeia como um espaço que integra a diversidade de pertenças. Que medidas podem ser tomadas para evitar isso? Qual a melhor maneira de lidar com a questão das migrações? Que papel deve a Europa dar às comunidades de imigrantes, pessoas vindas de fora das fronteiras da UE, por vezes ilegalmente, e que criam em alguns temores ao nível

do emprego e salários, mas que procuram a prosperidade e o respeito pelos direitos humanos que não encontram na sua terra de origem?

A Europa no Mundo, Alargamento e Fronteiras

Depois do maior alargamento da sua história – passando de 15 Estados membros em 1995 para 25 membros em 2004, e 27 em 2007 – a Europa continua a ser um poderoso pólo de atracção para os países que a rodeiam. A maior parte desses países têm justificado as suas estratégias de reforma política, social e económica como sendo necessárias para a aproximação e eventual adesão à União Europeia. Sendo o processo de alargamento a melhor prova de sucesso da UE, o debate sobre a sua continuação dirá muito sobre o tipo de União que queremos no futuro, bem como sobre os valores que, como europeus queremos «exportar» para o exterior. Levanta, no entanto, questões complexas. Ao nível prático, como deve ser prosseguida a política de alargamento e qual a capacidade da União de absorver e apoiar devidamente os novos membros? Ao nível da visão da Europa, terá o projecto europeu vocação para traçar fronteiras definitivas? Estas questões, no fundo, podem ser concretizadas em dois pontos fundamentais:

A relação entre a questão da identidade da União e o debate sobre as fronteiras da Europa: de que forma interferem os alargamentos no sentimento de pertença dos europeus e na própria identidade da União?

Os futuros alargamentos à Turquia e Balcãs: o que mostram acerca da capacidade da UE de exportar os seus valores? Que novas dimensões abrem à política externa europeia?

A Política Externa Europeia não se esgota, no entanto, nas questões do futuro alargamento da União, por muito importante que seja esta dimensão. Há pelo menos duas questões mais amplas que importa debatermos:

Estará a Europa suficientemente presente nas grandes questões internacionais e que conclusões poderemos tirar das eventuais presenças e ausência para traçar o perfil da acção externa europeia? Será a Europa capaz de lidar com novos desafios como o ambiente, a energia ou as assimetrias criadas pela globalização? Onde é visível uma abordagem especificamente europeia da política externa? E que impacto tem essa abordagem, e a preocupação dos europeus em ter uma voz que seja ouvida, sobretudo no contexto das relações com os Estados Unidos e grandes potências regionais como a China, a Índia, o Brasil, a África do Sul?

A dimensão de segurança e defesa da integração europeia: o desenvolvimento de uma capacidade militar significa uma alteração da natureza da União enquanto actor externo? Deixou a Europa de ser uma «potência civil»? Até que ponto será desejável o reforço da capacidade militar da UE? Faz sentido opor, como tradicionalmente se fazia, a Europa como potência «normativa» (ou seja, defensora de certos princípios) e a Europa como eventual potência diplomática e militar? Serão estas duas visões complementares? Estarão os europeus dispostos a continuar a fazer da Europa a principal fonte de ajuda aos mais pobres a nível internacional e ao mesmo tempo a aumentar o investimento em defesa e segurança? Em suma, que papel queremos, e que preço estaremos dispostos a pagar, que tipo de presença da Europa no mundo desejamos como Europeus?